

LAUDEMIRO LOPES DE FIGUÊREDO FILHO

A EVOLUÇÃO POLÍTICA DE BOQUEIRÃO-PB: DO CABRESTO AO ARREIO.

*Monografia apresentada ao Curso de
História da Universidade Federal
da Paraíba - Campus II, em cumprimento
as exigências para obtenção
do Grau de Bacharel.*

ORIENTADORA : MARTHA LÚCIA RIBEIRO ARAÚJO

BANCA EXAMINADORA: MARTHA LÚCIA RIBEIRO ARAÚJO
(Orientadora)

ELIETE QUEIRÔZ GURJÃO SILVA
(Membro)

MARTHA MARIA FALCÃO DE CARVALHO E MORAIS SANTANA
(Membro)

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

1990.1



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

DEDICATÓRIA

Ao Povo de Boqueirão, por ter sempre resistido à opressão dos donos do poder, caminhando na esperança de um dia conquistar a liberdade de expressar-se e às associações comunitárias, símbolo de luta e resistência;
dedico este trabalho.

Laudemiro Lopes de Figuerêdo Filho

HOMENAGEM ESPECIAL

À Betinho:

*Meu irmão querido,
Eternamente criança.
Não tiveste a graça
de andar nas estradas
da vida e de falar
as maravilhas do mundo,
te amamos muito...*

AGRADECIMENTOS

- Aos meus pais por terem me proporcionado o estudo e terem cultivado em seus filhos o maior valor humano. A humildade.

- À professora Martha Lúcia, orientadora desta monografia, pela sua valiosíssima contribuição. Durante toda orientação foi sempre paciente e sensível.

- À professora Cristina pelas sugestões fornecidas.

- Aos professores do Departamento de História e Geografia, pela assistência e estímulo ao longo do curso. A todos.

- Aos colegas do curso de História, em especial à turma de 85.1, pela maravilhosa convivência.

- À companheira Socorro Santos. Que apesar de seus multos afazeres, revisou pacientemente a ortografia, e a Tuta pela primeira datilografia.

- A Jonas e Marluce, por terem me proporcionado uma visão real da sociedade e serem responsáveis pelo meu ingresso nas fileiras daqueles que lutam por uma sociedade igualitária.

- Aos meus padrinhos, por terem contribuído nesta etapa da minha vida.

- Aos funcionários do DHG e a Ana, secretária da coordenação de História, por terem sido maravilhosos no atendimento.

- E, finalmente, à todos aqueles que de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização deste trabalho e conclusão do Bacharelado em História.

PAU-DE-ARARA

A vida aqui sô é ruim
Quando não chove no chão.
Mas se chover dar de tudo
Fartura tem de montão.
Tomara que chova logo
Tomara meu Deus tomara.
Sô deixo o meu cariri (bis)
No último pau-de-arara
Enquanto a minha vaquinha
tiver o couro e osso.
E poder com o chocalho
Pendurado no pescoço.
Eu vou ficando por aqui
Que Deus do céu me ajuda
Quem foge a terra natal
Em outros cantos não para
Sô deixo o meu cariri (bis)
No último pau-de-arara.

(Palmeira Guimarães)

I N D I C E

	Página
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - UM CORONEL À MODA ANTIGA	3
CAPÍTULO II - O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO NO MUNICÍ- PIO DE BOQUEIRÃO: RIQUEZA E EMPOBRE- CIMENTO DA REGIÃO	22
CAPÍTULO III - NÃO TEM MAIS CABRESTO NÃO?	41
CONCLUSÃO	59
BIBLIOGRAFIA	61
A N E X O S	66

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo geral, atender as exigências do Curso de Bacharelado em História, para a obtenção do Grau de Bacharel.

Neste sentido, apresentamos a monografia intitulada: A EVOLUÇÃO POLÍTICA DE BOQUEIRÃO: DO CABRESTO AO ARREIO.

A escolha deste tema partiu de dois fatores: Primeiro, na condição de filho da terra, sempre tive a preocupação constante em compreender a essência de um processo político, que ao longo de quarenta e três anos, teve apenas um líder como seu epicentro; Segundo na condição de militante político na região, na última década, compreender o movimento que em sua diversidade engendrou a reorganização do poder local.

Como objetivo específico, centraremos na evolução do processo político de Boqueirão desde os primórdios quando Boqueirão ainda pertencia a Cabaceiras, até os dias atuais, detectando as contradições inerentes a este processo e a dialética do seu movimento.

Utilizamos uma metodologia simples e objetiva, partindo do particular (o fenômeno em si), para apreensão do todo (o geral).

A EVOLUÇÃO POLÍTICA DE BOQUEIRÃO: DO CABRESTO AO ARREIO, apresenta uma divisão do assunto em três capítulos:

No primeiro capítulo, "O CORONEL À MODA ANTIGA", procuramos compreender a estruturação do poder coronelístico na região de Boqueirão, a relação do coronel com o eleitorado e vice-versa, a relação do poder estatal e nacional, os apoios

políticos das oposições. Para a compreensão destas questões recorreremos a entrevistas com o coronel, seus correligionários e seus opositoristas, dissertações de mestrado e aos clássicos na questão do poder coronelístico.

No segundo capítulo, "O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE BOQUEIRÃO: RIQUEZA E EMPOBRECIMENTO DA REGIÃO", enfocamos as consequências do processo de modernização, proveniente da penetração do capitalismo no campo a partir da década de setenta. Consequências estas materializadas na concentração fundiária, nas inovações introduzidas na agricultura e na pecuária, na subordinação da pequena produção ao capital, na proletarianização do pequeno produtor, nas mudanças das relações de trabalho e da estrutura urbana, e conseqüentemente, alterações no eleitorado.

Para comprovação destas questões, recorreremos aos dados dos censos agropecuários de 1970, 1975 e 1980, os depoimentos de trabalhadores rurais, aos clássicos que tratam do processo de modernização no campo e as minhas próprias constatações a olho nũ.

No terceiro capítulo, "NÃO TEM MAIS CABRESTO NÃO?" Procuramos analisar a queda do coronel e a reorganização do poder, ou seja, como se organiza esta nova estrutura de poder, a quem ela apoia e de que forma ela difere do coronel? Para este estudo, partimos das eleições de oitenta e dois, quando foi introduzida uma nova forma de fazer política no município e o surgimento das organizações comunitárias.

Como fonte de pesquisa utilizamos entrevistas, jornais, atas de reuniões da Câmara de Vereadores e Associações Comunitárias, panfletos e valiosos depoimentos de um povo que sempre foi dominado com o cabresto e atualmente com o arreio.

CAPÍTULO I

UM CORONEL À MODA ANTIGA

O Coronel Hernesto Heráclio do Rego, exerceu a sua influência política na região de Boqueirão e Cabaceiras.

As referências mais antigas sobre a ocupação destas áreas, indicam a presença dos Oliveiras Lêdo:

"Boqueirão fora matriz do mais antigo curral de gado instalado por Antonio de Oliveira Lêdo da região do S. Francisco".(1)

Na segunda metade do século XVII foram organizadas entradas que tinham como objetivo o combate aos índios da região e tomar posse das terras. Como recompensa foram requisitadas sesmarias em 1665 pelos Oliveiras Lêdo, chegando Antonio de Oliveira Lêdo à frente das primeiras famílias.

"Foi em meados do século XVII que chegaram ao atual município de Cabaceiras os primeiros civilizados, tendo como chefe o bandeirante baiano Antonio de Oliveira, fundador da Vila de Boqueirão, primeiro núcleo de casas de brancos que a comuna possuiu!" (2)

X A maior parte da área em foco, foi ocupada por latifúndios entre os quais, destacamos o pertencente a João Heráclio do Rêgo (Joca da Salina), que media quatro léguas quadradas (3), compreendendo toda área ocidental de Boqueirão de Cabaceiras e estendendo-se ao Estado de Pernambuco.

Com a aquisição deste latifúndio, plantava-se nesta região as raízes do domínio coronelístico, que perdura até os dias atuais, através da família HERÁCLIO DO REGO, tendo in

cio com JOCA DA SALINA e continuidade com os seus descendentes, que vão exercer forte influência política em toda área polarizada pelo latifúndio de Joca: Boqueirão, Cabaceiras, Queimadas, Campina Grande, em Pernambuco, e outras cidades.

Joca da Salina além de criar muito gado, cultivava o algodão e alguns cereais (milho e feijão). Neste contexto verifica-se que a estrutura fundiária de Boqueirão, desenvolvia-se sobre a égide do grande latifúndio agropecuarista.

A família Heráclio do Rego possuindo o domínio territorial, local, preenchia o requisito principal que permitia a monopolização dos poderes em suas mãos, seja executivo, legislativo ou judiciário. A grande extensão de terra, o latifúndio, era a ponte que conduzia ao poder, desta forma Joca da Salina chega ao judiciário, exercendo a função de juiz de paz em Cabaceiras. (4)

Enraizado em Salinas de Boqueirão, deixa toda uma geração, que dá continuidade à hegemonia econômica e política do velho, extendendo-se a sua influência dos cariris velhos paraibano ao agreste Pernambucano.

Desta geração, destaca-se Hernesto Heráclio do Rego, o coronel "à moda antiga", bisneto de Joca da Salina. Hernesto do Rego, ingressa na vida política em quarenta e três, quando Boqueirão pertencia ainda a Cabaceiras. Ao longo dos quarenta e dois anos de vida pública, exerceu forte influência política na região. Foi prefeito cinco legislaturas (duas em Cabaceiras e três em Boqueirão), deputado estadual em uma legislatura. Elegeu seu filho em três mandatos consecutivos para deputado estadual e (5) ainda elegeu três prefeitos que apresentou em Boqueirão.

As características e a prática deste velho político da

região, ora em destaque, não se diferenciam dos demais chefes políticos do interior brasileiro, conhecidos popularmente como coronéis, que tem suas raízes na organização política e administrativa da colônia:

"O coronelismo tem sido entendido como uma forma específica de poder político brasileiro, que floresceu durante a primeira república, e cujas raízes remontam ao império, já então os municípios eram feudos políticos, que se transmitiam por herança, não configurada legalmente, mas que existia de maneira informal!"
(6)

Com o intuito de dar sustentáculo ao poder central, foi criado pelo padre Diogo Antonio Feijó, a guarda nacional. A guarda tinha atuação restrita aos municípios e tinha como objetivos específicos:

"auxiliar na manutenção da ordem, prevenindo, as revoltas, promovendo o policiamento regional e local!" (7)

Compunham a guarda nacional os cidadãos livres de 21 a 60 anos, que fossem classificados para tal, devendo os mesmos ter um bom rendimento.

A guarda nacional composta pelos que detinham maior poder econômico, conseqüentemente uma minoria, passavam agora a ditar ordens de forma legal.

Os maiores potentados locais na hierarquia da guarda nacional eram classificados como "CORONÉIS", seguindo de majores, capitães, estes dois últimos exerciam o policiamento mais localizado.

Ao longo do império, o processo de escolha de oficiais para composição da guarda nacional é alterado, de eleito entre os seus pares, os guardas passam a ser nomeados pelo presidente da província, o que demonstrava a preocupação do po

der central em eleger chefes locais de sua inteira confiança. A nomeação a cargo dos presidentes das províncias daria mais segurança ao imperador.

Com a proclamação da república, é criado o exército; a guarda nacional vai perdendo suas funções oficiais e pouco de pois é extinta, porém o domínio político dos coronéis encontra-se enraizado por todo interior.

✓ A república efetiva na prática a vitória do federalismo e reconhece oficialmente o domínio dos chefes políticos municipais e regionais. Esta mais nova forma de organização política, favoreceu na prática os coronéis, proporcionando mecanismos tais, que mantivessem pleno poder sobre os agregados e familiares. Entretanto, para se afirmar, enquanto coronel, o mesmo precisaria agora do referendo das urnas, ter o respaldo da população.

Para o coronel continuar mantendo a massa desvalida, subordinada, sem nada a questionar, é necessário que ele modifique a sua atuação política, utilizando mais a persuasão.

Para os estudiosos do fenômeno coronelístico, este encerra um conjunto de características que faz classificar o coronel como tal. No caso em foco, é necessário comparar estas características à prática de Hernesto Hecâclio do Rego, no sentido de confirmar o título deste capítulo.

Para Carone, não se pode desassociar o coronel da vida rural.

"É-lhe fundamental a posse da terra, a base para a exploração regular do trabalho e a acumulação de riquezas!" (8)

Em Boqueirão, o latifúndio da família Heráclio do Rego, é a base para que Hernesto do Rego ingresse na política, destacando-se na região, por ser um dos maiores proprietários e

criador de gado.

A posse de terra era a base do poder político local e regional, o qual se definia pela quantidade de votos que o coronel barganhasse.

O coronel "ã moda antiga" tinha a posse da terra e o poder de conseguir votos na região, o que engendrou sua carreira política.

"Ingressei na política em 1946, no período da democratização, apoiando Osvaldo Figueiro para governador do Estado (UDN), tendo sido o mesmo eleito e derrotado Alcides Carneiro (PSD)...Optei pela carreira política por amizade. Recebi muita influência dos familiares e dos amigos políticos!" (9)

Dentre os amigos políticos, o coronel destaca a influência decisiva de Argemiro de Figueredo:

"Argemiro estruturou o sistema coronelista, distribuindo os coronéis por zona de influência, a disciplina que mantinha era tão rígida, que uns não podiam intervir na região dos outros". (10)

A postura política adotada por Argemiro de Figueredo, no sentido de fortalecer a estrutura de poder coronelista existente na Paraíba, explica os constantes apelos, que segundo o coronel, foram feitos por parte da principal liderança da UDN paraibana, pois o mesmo sabia quem exercia grande influência na região, sendo capaz de exercer plena dominação.

Destacamos ainda como fator indicativo do ingresso do coronel na vida política, a questão da parentela, defendida por alguns historiadores que desenvolveram estudos sobre o fenômeno, como a base social do coronelismo:

"O coronelismo tem na parentela a sua base social, entendida esta como um conjunto de indivíduos reunidos entre si por laços de parentesco carnal ou espiritual (compadre) ou de aliança matrimonial!" (11)

Hernesto Heráclio do Rego, por exemplo, é primo carnal do Major Veneziano Vital do Rego e este cunhado de Argemiro de Figueredo, todos com influência política respectivamente nas regiões de Queimadas e Campina Grande.

A campanha, para a eleição de Osvaldo Trigueiro a governo do estado, em Cabaceiras, demonstrou nas urnas, a força que tinha o mais novo coronel do cariri paraibano. O candidato Argemirista obteve uma boa percentagem dos votos, o que foi suficiente para consolidação do poder político do coronel na região de Boqueirão como também para o mesmo adquirir respaldo das grande oligarquias paraibanas, que reuniam-se em torno de Argemiro de Figueredo.

Esta nova conjuntura, o leva a candidatar-se pela primeira vez a prefeito de Cabaceiras, em 1947, na legenda da UDN, com o apoio da maioria dos chefes locais, principalmente os distritais, conseguindo derrotar o candidato do PSD. A vitória como prefeito de Cabaceiras, é considerada, marco inicial de um poder que enraizou-se ao longo de quatro décadas. O coronel "à moda antiga" perpetuaria-se agora no poder, utilizando de uma política clientelística que configurava o voto de cabresto na região. (12)

Quando o coronel ingressou na carreira política, os eleitores de Boqueirão, supostamente alfabetizados eram: pequenos proprietários rurais, sitiantes, funcionários públicos, artesões e pequenos comerciantes, situados na cidade, vilas e pequenos aglomerados. Esta composição social que formava o elei

torado recorria sempre ao coronel ou sub-coronéis" (13) no seu cotidiano. O coronel tinha condições de atender a seus apelos, pois era detentor da posse da terra, do dinheiro, dos transportes, dos meios de comunicação e de prestígio frente às autoridades locais, estaduais e até nacionais, gerando desta forma uma eterna dependência dos menos favorecidos a sua pessoa.

Ao se referir à relação do coronel com o eleitorado, Maria Izaura, destaca a questão da lealdade em ambas as partes, que permeava todo relacionamento:

"De eleitor para líder político há uma troca de serviço, uma reciprocidade contra-prestação, semelhante as que regem as relações individuais básicas, e assim, tanto se espera lealdade da parte do eleitor para o coronel, quanto o coronel para com o eleitor. A exigência de um coronel para que seus apaziguados votem em determinado candidato tem como contrapartida o dever moral que o coronel assume de auxiliar e defender quem lhe deu o voto".
(14).

Indagado sobre a forma de fazer política no passado, Hernesto do Rego responde:

"No passado havia honestidade, não havia suborno, e os eleitores não votavam por dinheiro, votavam por lealdade e sinceridade para com os candidatos... Fazíamos política sem gastar dinheiro, apenas cumpríamos os deveres para com os eleitores ... os eleitores se decidiam por amizade das lideranças locais!" (15)

Este depoimento confirma na prática a abordagem de Maria Izaura, sobre o relacionamento do coronel com os eleitores. A "lealdade e a sinceridade" por parte dos eleitores, é

a resposta materializada destes aos favores dos coronéis, em contrapartida a honestidade na concepção coronelística, consistia em atender os pedidos por parte dos eleitores.

O que devemos deixar explícito, é que este tipo de relacionamento faz parte de uma luta de classe, em que os dominantes (os coronéis) mantêm a massa subordinada aos seus ditames através do favor e da amizade, sem questionar o estado de miséria em que vivem, reproduzindo o sistema vigente.

Ainda com relação à questão do clientelismo, Maria Izaura destaca:

"A eleição não era o momento dos mais capacitados, e sim um momento de barganha ou reciprocidade de dons, o indivíduo dá seu voto porque já recebeu um benefício, ou porque espera ainda recebê-lo!" (16)

Estes benefícios, que os eleitores recebiam dos coronéis, na região, em estudo, consistia em obrigações necessárias, que o coronel não podia faltar em hipótese alguma, caso contrário, significaria a perda do apoio dos seus agregados e familiares.

Entre as obrigações apresentadas pelos moradores da região, destacam-se:

- 1 - Transportar gente para os hospitais, quando necessário;
- 2 - Conceder advogado, soltar os eleitores quando estivessem presos, ou dar cobertura, quando solicitado;
- 3 - Afiançar ou emprestar dinheiro;
- 4 - Conceder pastos para os rebanhos;
- 5 - Conceder transportes (animal e rodoviário) quando necessário;
- 6 - Ser intermediário entre o povo e os políticos mais influentes, na busca dos mais variados tipos de fa

vores pessoais. (17).

Estas eram as reivindicações do povo. Percebe-se que eram frutos de uma realidade material, engendrada pelas relações desenvolvidas entre os homens. Relação esta de submissão entre os possuidores e os despossuídos e são os coronéis tinham as condições materiais de atender as reivindicações, daí explica-se o respaldo popular que tinha Hernesto do Rêgo.

Outra característica que integra o processo de relacionamento coronelista, ora em destaque, é o "mandonismo" que se manifesta segundo Víctor Nunes Leal, na perseguição ao adversário. (18)

"Se o coronel era da "situação", seus apaniguados tinham liberdade de ação para fazer o que quisessem, com certeza de ficarem impunes ... para o apaniguado, nada melhor do que o seu coronel ficar na "situação", a fim de que pudesse perseguir os adversários sem temor e gozar dos privilégios de sua condição!" (19)

O mandonismo materializava-se na concepção da massa inculta com a própria lei, "aos amigos se faz justiça", (concessão de todos os favores, quer seja legal ou ilegal). "Aos inimigos se aplica a lei" (recusa de qualquer favor, perseguição e violência).

Segundo o depoimento de um dos entrevistados, que fazia parte da oposição, o mandonismo era evidente na prática do coronel "à moda antiga".

"Seu Ernesto só prejudicava os adversários, o que podia ser feito para prejudicar... transferência e demissões de empregados, violência, dar coberturas em caso de homicídio..." (20)

Indagado de como explicava em ter mantido uma liderança política até os dias atuais, o coronel responde que foi!

"A honestidade, o grande mērito, fui honesto em todos os seus atos ... a amizade, o grande leque de amigos que tenho em todo municīpio!" (21)

A honestidade consistia na prestação de favores, e a amizade, a resposta aos favores concedidos. Estes dois elementos estavam intrinsecamente ligado e formavam a base de sustentação do poder coronelístico, suficiente para eleger seus sucessores.

A partir da emancipação política de Boqueirão (abril de 1959), o coronel na eleição de seus sucessores levou em consideração (o que aconteceu três vezes), dois pressupostos básicos, no processo de escolha: Primeiro, ter prestígio, que consistia em ter boas condições financeiras e segundo, ter um amplo leque de amizade, que atingisse todos os recantos do município.

Preenchendo estes requisitos, não importava se tinha preparação para enfrentar o cargo executivo. O imprescindível era a fidelidade ao coronel, como discorre João Bezerra Cabral, o primeiro prefeito de Boqueirão.

"Não tinha experiência para conduzir uma prefeitura, nem tempo disponível para me envolver com tal coisa, mas como não podia deixar de atender um pedido de Hernesto; aceitei, depois de muita insistência, só para beneficiá-lo!" (22)

Os laços de amizade que uniam as lideranças locais ao coronel eram tão enraizadas, que os mesmos não mediam consequências para favorecê-los, mesmo que fossem prejudicados, como atesta o depoimento abaixo:

"Aceitei ser candidato e fui eleito com 1.800 e poucos, votos, enquanto meu adversário obteve 500 votos... sabia que estava sendo indicado, porque contava com grande conhecimento na região, e era o único capaz de ganhar da oposição, apesar da grande tensão que o povo tinha a Hernesto... fui muito prejudicado nos meus negócios particulares. Durante quatro anos, vieram apenas duas quotas, por parte do estado para estradas e rodagens. Toda infraestrutura da prefeitura, pagamento de professores, e etc, fiz com dinheiro próprio ... Além de inúmeras promissórias que eu pagava, por ter avalizado ... cheguei a pensar em desistir, quando tive conhecimento, que o dinheiro que vinha do estado não chegava na prefeitura porque o chefe (O coronel) não queria!" (23)

Este depoimento demonstra os laços de dependência das lideranças locais ao chefe. Mesmo prejudicados mantinha a lealdade sem questioná-lo. Consciente da força que tinham, não utilizavam tal arma, pois seria usar de desonestidade para com o coronel, e quebrar um compromisso de velhos tempos que tinha para com o mesmo.

Quanto ao que representava o poder do coronel "à moda antiga", no âmbito estadual, podemos dizer que este tinha uma razoável influência; chegou a ser deputado estadual em uma legislatura e elegeu seu filho, em três legislaturas consecutivas.

Marcos Odilon ao falar das eleições de 1958 para o senado, câmara federal e assembleia legislativa, a respeito da vitória de Rui Carneiro, destaca a importância do apoio dos velhos coronéis da Paraíba, puxado por Argemiro de Figueiredo, dentre os quais, ressalta Heráclito do Rego de Cabaceiras. (24)

Para o executivo à nível estadual, era fundamental contar

com um coronel no interior, que tivesse bom poder de barganha, capaz de dar ao governo uma quantidade considerável de votos. Em contrapartida, o coronel exige que os seus pedidos sejam atendidos.

Segundo Víctor Nunes Leal:

"A essência, portanto, do compromisso coronelista...consiste no seguinte: da parte dos chefes locais incondicional apoio aos candidatos do oficialismo nas eleições estaduais e federais. Da parte da situação estadual, carta branca ao chefe local governista, (de preferência o líder da facção local majoritária) em todos os assuntos relativos ao município, inclusive na nomeação de funcionários estaduais do lugar!" (25)

Desta forma, explica-se portanto, o apoio incondicional dos chefes políticos do interior aos chefes políticos de peso a nível estadual, as oligarquias. A reciprocidade de compromissos favorece muito bem ambas as partes; uma dava sustentáculo a outra e vice-versa.

Por um lado, o coronel para reproduzir-se necessita do respaldo da população interiorana, esta por sua vez concede seu voto, a partir de concessões do coronel, que varia de emprego público aos mínimos obséquios. Por outro lado, o sustentáculo das oligarquias, deve-se ao apoio irrestrito dos coronéis. Desta forma, o oficialismo estadual não mede distância para favorecer os governos municipais, que sejam seus aliados.

Dentre os compromissos por parte do governo estadual com o governo municipal, o coronel destaca a nomeação do delegado e dos subdelegados de polícia. Sobre estas nomeações, enfatiza Víctor Nunes Leal:

"A nomeação dessas autoridades é de sumo interesse para a situação dominante no município e constitui uma das mais valiosas prestações do estado no acordo político com os chefes locais. Embaraçar ou atrapalhar negócios de iniciativas da oposição, fechar os olhos à perseguição dos inimigos políticos, negar favores e resgatar direitos aos adversários são modalidades diversas da contribuição, do governo estadual à consolidação do prestígio de seus correligionários no município. Mas nada disso se compara a esse triunfo decisivo: pôr a polícia do estado sob as ordens dos chefes situacionistas locais". (26)

Esta colocação confirma na prática o seguinte depoimento:

"O juiz, o delegado e a polícia local eram a grande arma de Ernesto contra as oposições!" (27)

Segundo Hernesto do Rêgo, a presença de um representante de Boqueirão na assembléia legislativa foi muito importante em termos de progresso para o município.

"O que se tem em Boqueirão, inclusive a sua emancipação, deve-se ao representante no legislativo!" (28)

Destaca como melhor governo para Boqueirão, em termo de progresso, João Agripino:

"Homem democrata, de bem e muito honesto, foi em sua gestão a conquista da água e da eletrificação local!" (29)

João Agripino, enquadrava-se muito bem na política de compromissos pessoais dos velhos coronéis, daí esta definição de Ernesto.

À nível nacional destaca Juscelino Kubitschek, devido seu grande mérito ter sido em sua gestão a construção do açu-

de Epitácio Pessoa, a causa da prosperidade do município.

Ser oposição ao governo estadual, não é muito aconselhável, segundo Ernesto, e acrescenta que são fechadas portas ao município e não são aprovados nenhum dos projetos que sejam de autoria dos oposicionistas. Dá como exemplo o projeto de lei da emancipação de Boqueirão e Cabaceiras: o deputado Zé Braz do Rego, encontrando-se na oposição, teve que recorrer ao deputado Padre Galvão, para apresentá-lo como situacionista e correligionário de Pedro Godin:

"O maior mal que pode acontecer a um chefe político municipal é ter o governo do estado como adversário. Por isso busca seu apoio arduamente!" (30)

O apoio aos governos federais estava condicionado ao poder estadual. Geralmente o coronel apoiava o candidato apontado pelo governo estadual, suas reivindicações não ultrapassavam o chefe estadual, mas esperava deste todos os esforços junto ao federal no sentido de algo que pudesse beneficiar o município.

Contando com grande prestígio local e estadual, Hernesto Heráclio do Rego, exerceu forte domínio por mais de três décadas, consequência de uma oposição bastante frágil, que teve início em 1946, com a vitória de Eurico Gaspar Dutra do PSD a nível nacional.

Na vila de Boqueirão e toda área circunvizinha, onde o coronel exercia o poder, quase que total, um dos correligionários de grande influência, era Chico Florindo, quando o mesmo ingressa nos quadros do PSD, e passa a ser o oponente mais importante do coronel na região, conseguindo o apoio de um pequeno número de famílias das vilas e outras da zona rural.

Pelo que percebemos nas entrevistas, não houve nenhuma

divergência de cunho ideológico do recém-nascido oposicionista ao coronel.

A virada restringiu-se a interesses próprios e amizades particulares. Chico Florindo era amigo pessoal de Zé Nunes, prefeito interventor de Cabaceiras, antes de 45, era um pequeno coronel, que conseguiu um carro (caminhão), através de Rui Carneiro (interventor estadual) para o Amigo. É o primeiro carro a chegar na região que vai ser bastante útil para a comunidade.

Percebe-se então, que a oposição nasce por questão de amizade, em consequências de favores particulares, portanto, esta oposição não cresce pela falta de condições que o líder oposicionista tinha de prestar favores e conseguir ultrapassar o coronel.

A atuação da oposição vai restringir-se apenas ao ato de votar:

"Enquanto oposição, nada fazíamos, porque não tínhamos condições, simplesmente votávamos".
(31).

Segundo um correligionário do coronel:

"A oposição nunca fez nada pelo município, o que tem deve-se à situação!" (32)

O quadro oposicionista só vai mudar, quando ingressar em suas fileiras, um coronel que vai ter as mesmas condições materiais de Ernesto do Rego (33), porém não tem a simpatia e o leque de amizades do velho coronel. Para conseguir tais elementos fundamentais para derrubar o poder na concepção coronelística, o mais novo coronel inicia uma carreira desenfreada na compra de voto; é quando a oposição cresce no município e penetra no raio de poder que exerce o coronel "à moda

antiga".

Entretanto, os laços clientísticos são mais fortes e enraizados quando são estruturados ao longo dos tempos e, não foi ainda desta vez que o coronel Ernesto perdeu as eleições em Boqueirão.

N O T A S

- (1) ALMEIDA, Horácio de. História da Paraíba. João Pessoa, ed. Universitária. 1987.
- (2) Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Publicação Comemorativa do 49 aniversário do governo Juscelino Kubitschek de Oliveira em 31 de janeiro de 1985.p.213.
- (3) Quatro Léguas Quadradas corresponde a Vinte e Quatro Kilômetros Quadrados de Área.
- (4) Sobre Juiz de Paz ver: História Política e Administrativa do Brasil - 1500-1810, de Rodolfo Garcia. Capítulo IV - A Justiça, as Ordenanças, os Juizes e Tribunais, pp. 73-79.
- (5) REGO, José Braz do. Ex-Presidente do Tribunal de Contas da União. Estado da Paraíba. (já falecido).
- (6) QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. O Coronelismo numa Interpretação Sociológica. O Brasil Republicano. Vol.II, Coleção Histórica da Civilização Brasileira, DIFEL - Difusão Editorial S.A. p.155.
- (7) Idem, ibdem, p.155
- (8) COSTA, Lena Castelo Branco Ferreira da. Arraial e Coronel, Dois Estudos de História Social. Editora Cultrix, São Paulo, p.116.
- (9) Entrevista concedida ao autor por Hernesto Heráclio do Rego em abril de 1990.

- (10) ARAÚJO, Martha Lúcia Ribeiro. Campina Grande: Poder Local e Mudança Nacional (1945-1964). Dissertação de Mestrado, mimeo, Campina Grande, 1985. p.68.
- (11) COSTA, Lena Castelo Branco Ferreira da. Op. Cit. p.119.
- (12) Voto Típico do Sistema Coronelista. O eleitor concede o voto em troca do favor e da amizade. O voto comprado é mais recente, o eleitor concede o voto em troca de dinheiro, emprego etc, sem nenhum vínculo de amizade com o candidato.
- (13) O termo "subcoronéis", foi utilizado como forma de designação dos chefes mais localizados, das velas e aglomerados.
- (14) QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. Op. Cit. p.116.
- (15) Entrevista concedida ao autor por Hernesto Heráclio do Rego em abril de 1990.
- (16) QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. Op. Cit. p.116.
- (17) Entrevista concedida ao autor por vários moradores da região em abril de 1990.
- (18) Análise mais profunda sobre mandonismo. Ver Coronelismo, Enxada e Voto de Victor Nunes. 1º Capítulo, 5ª ed.
- (19) QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. Op. Cit. pp.163-164.
- (20) Depoimento prestado ao autor por um adversário político do coronel, em maio de 1990.
- (21) Entrevista concedida ao autor por Hernesto Heráclio do Rego em abril de 1990.

- (22) Entrevista concedida ao autor por João Bezerra Cabral, primeiro prefeito de Boqueirão, em maio de 1990.
- (23) Idem, ibdem.
- (24) ARAÚJO, Marta Lúcia Ribeiro. Op. Cit. p.146.
- (25) LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, Enxada e Voto. Editora Alfa-Omega, 5^a ed. p.50.
- (26) Idem, Ibidem. p.47.
- (27) Depoimento prestado ao autor por um oposicionista do coronel, em maio de 1990.
- (28) Entrevista concedida ao autor por Hernesto Heráclio do Rego, em abril de 1990.
- (29) Idem, Ibidem.
- (30) LEAL, Victor Nunes. Op. Cit. p.49.
- (31) Depoimento prestado ao autor por um oposicionista do coronel, em maio de 1990.
- (32) Depoimento prestado ao autor por um correligionário do coronel, em maio de 1990.
- (33) O mais novo coronel era Breno do Carmo, latifundiário em Alcantil de Boqueirão e Geremuabo na Bahia, liderança máxima da oposição e almejava a qualquer custo derrubar o velho coronel.

CAPÍTULO II

O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE BOQUEIRÃO:
RIQUEZA E EMPOBRECIMENTO DA REGIÃO

A penetração do capitalismo no campo a partir da década de 70 engendrou modificações profundas na zona rural. Estas mudanças processaram-se de acordo com as especificidades de cada região, obedecendo a lógica do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo.

Como indicativo destas modificações, podemos destacar : a concentração fundiária, as inovações introduzidas na pecuária, a proletarização do pequeno produtor, a subordinação de pequena produção ao capital e significativas mudanças das relações de trabalho.

Estas modificações favorecem mudanças qualitativas no relacionamento do eleitorado com os seus chefes políticos.

Em Boqueirão, como em toda região caririzeira⁽¹⁾, constata-se em menor grau estas modificações, comparando-se ao agreste e a Zona da Mata. Mesmo assim, foi a partir de setenta, com o crescimento da capitalização do campo, que se estabelecem novas relações de trabalho.

A estrutura urbana é alterada, passando agora a integrar o eleitorado, novas pessoas, vindas de outras áreas, como também verifica-se indícios de novas formas de pensamento que provocam rupturas no "velho curral" (I).

A penetração do capital no campo vai obedecer uma lógica, responsável por sua reprodução. Sobre esta questão destaca Bernardo Sorj:

"A inserção da agricultura dentro do molde de desenvolvimento orientado pelo grande capital monopolista, que se afirma nesse período, se dará dentro das coordenadas gerais da expansão da produção agrícola para o mercado interno e externo, a fim de permitir a manutenção de baixos custos na produção da força de trabalho urbano e de aumentar o montante de divisa para que mantenham as importações de insumos e máquinas necessárias para expansão do parque industrial... a ação do estado nesse contexto orienta-se para a modernização da agricultura, visando a integrá-lo ao novo circuito produtivo liderado pela agroindústria de insumos e processamento de matérias-primas!" (2)

A nova política agrícola adotada pelos governos militares trilha o caminho conservador e concentrador, beneficiados apenas os grandes proprietários, incentivando a aquisição de máquinas e insumos agrícolas, com vista a atender o escoamento da agricultura.

A concentração fundiária e a desapropriação de camponeses ocorrem concomitantemente ao processo de inovações introduzidas na pecuária brasileira.

Para comprovação desta realidade na região, ora em estudo, recorreremos aos dados dos censos agropecuários de 1970, 1975 e 1980. O que possibilita, a constatação da penetração do capital em uma das áreas mais atrasadas economicamente do cariri paraibano. (Ver Tabela I).

De acordo com os dados, vimos que, verifica-se uma rápida pauperização do capesinato, uma perda acelerada dos possuidores de propriedades de menos de 50 (cinquenta) hectares, enquanto é notório o aumento de propriedades, acima deste índice, conseqüentemente há uma transferência de terras dos peque

nos proprietários aos médios e grandes proprietários.

As inovações introduzidas na zona rural estavam voltadas para a criação de gado e das pastagens, indicativos estes, que deixam claro a intervenção estatal. A política agrícola adotada pelo estado, é no sentido de dar condições aos produtores de adquirirem os produtos da nascente indústria agrícola (indústria multinacionais), de máquinas e insumos, incentivando, portanto, a incorporação desta tecnologia moderna pelos médios produtores rurais a partir de financiamento a juros baixos. Como exemplo temos, a aquisição de tratores. Segundo o depoimento dos proprietários, os mesmos foram adquiridos através de financiamentos do Banco do Brasil. Não afetando de modo significativo o orçamento dos produtores.

Indagados quanto as vantagens obtidas a partir do uso das máquinas, estes afirmam terem quadruplicado a sua produção, tanto quantitativamente como qualitativamente, inclusive, alegaram terem dispensado uma boa parte da mão-de-obra, em razão da utilização das máquinas. (Ver Tabela II).

Observamos no levantamento que o número de arados de tração mecânica não acompanha o número de tratores adquiridos, observa-se um grande número de arados de tração animal, os chamados popularmente de cultivadores. Em consequência do pequeno custo, são adquiridos tanto pelo pequeno, como pelo médio e grande proprietário. Entre os pequenos proprietários este instrumento é na maioria das vezes de uso coletivo e o animal para puxá-lo, geralmente, pertence aos médios proprietários. O que demonstra que os limites da modernização em Boqueirão é determinado pelo pequeno poder aquisitivo dos proprietários. (Ver Tabela III).

As máquinas para plantios e colheitas, são aparecem a

partir de 75, quando constata-se o alargamento da produção. Estas máquinas são utilizadas nas grandes plantações de milho, feijão e capim, dispensando a mão-de-obra de dezenas de pessoas. (Ver Tabela IV, V).

A irrigação, o uso de fertilizantes, defensivos e a prática de conservação do solo são indicativos de modernização constatado na região. São de grande importância para o aumento e a qualidade da produção, tanto de gêneros alimentícios como de pastagem, além do aparecimento da tomaticultura responsável, atualmente, por grande parte da produção como também da chegada de novos moradores à região.

Verifica-se um aumento considerável da área irrigada. Supomos que seja em consequência da expansão da cultura do tomate. Devido a carência de dados, não foi possível discriminar os produtos irrigados. Sabemos apenas que a maior área irrigada faz parte do perímetro do açude Epitácio Pessoa, onde os produtores dedicam-se à produção do tomate, pimentão, repolho, etc, chegando às vezes a associar esta cultura com a do milho e do feijão. Constata-se à primeira vista que a área irrigada destinada ao capim é inferior ao da horticultura. (Ver Tabela VI).

A utilização de defensivos e fertilizantes é mais acentuada no cultivo dos tomates. Sabemos que estes dois elementos são indispensáveis à produção de alimentos. Porém, só quem tem condições de adquiri-los são os médios e os grandes proprietários, ficando, portanto, prejudicados o pequeno campesinato que devido ao baixo poder aquisitivo e à falta de assistência do governo, não adquirem qualquer um destes produtos, (ver Tabela VII).

A prática de conservação do solo é produto da própria

experiência do homem do campo, sem nenhuma orientação tecnocrata. Como por exemplo: a rotatividade do solo e a defesa da erosão.

Destacamos como indicativos de modernização na criação de gado, a pastagem plantada e a construção de silo para forragens. Nas últimas décadas percebe-se um aumento considerável de plantadores de capim, isto em consequência dos benefícios que traz esta cultura aos produtores, tanto no período de inverno como na estiagem. (Ver Tabela VIII).

Apesar da silagem ser um dos métodos mais eficazes de armazenagem, verificamos um declínio na construção de silos, no intervalo de 70-75. Esta queda foi compensada pelo aumento da sua capacidade, voltando ao declínio no intervalo de 75-80. Supomos que na década de 80 este número aumentou em quantidade e capacidade. (Ver Tabela IX).

Somando-se a melhoria dos pastos e o armazenamento de forragens a todas as outras inovações introduzidas no campo, verifica-se um aumento considerável no rebanho bovino destinado ao corte e ao leite (Ver Tabela X).

A inseminação artificial, indicativo da seleção de animais e característica das regiões criadoras de gado mais desenvolvidas do país, chega ao cariri paraibano nos últimos anos da década de 70, é uma amostra muito significativa da penetração do capitalismo na pecuária, (Ver Tabela XI).

Ainda com respeito à modernização, queremos destacar o uso da energia elétrica, como fator fundamental para este processo, tanto para o uso das máquinas forrageiras como para a irrigação. Além de, proporcionar ao homem do campo uma visão mais ampla do mundo que os rodeia, a televisão modifica hábitos, lazeres e interfere na formação do camponês, engendrando

aos poucos, uma nova concepção de vida, (Ver Tabela XII).

Concomitante, ao processo de modernização, verifica-se a proletarização do pequeno produtor que dedicava-se à produção de gêneros de subsistências.

Verifica-se no campo das lavouras permanentes que dedica-se a agricultura de subsistência, um grande declínio, no espaço de cinco anos, em consequência da falta de uma política agrícola que beneficiasse os pequenos produtores, parte dos camponeses perderam suas terras para os grandes e médios proprietários que com o incentivo do estado implementaram mudanças em suas forças produtivas, aumentando seu capital. Os que não perderam são "MEIA PEDRA E MEIO TIJOLO", parte do ano trabalham em seu quinhão de terra e a outra parte tornou-se assalariado (período do verão).

Outro fato que assinala a proletarização do homem do campo é o indicativo das lavouras temporárias. Houve uma queda considerável de produtores, em contrapartida a área dedicada a este tipo de lavoura aumentou, o que nos leva a deduzir que houve uma concentração fundiária a partir de todas as inovações introduzidas no campo e que foram destacadas anteriormente, (Ver Tabela XIII).

O capitalismo ao penetrar no campo(5) regiu os mais diferentes caminhos de acordo com as especificidades de cada região. A este respeito, várias teorias foram desenvolvidas, dentre as quais reporto a teoria da criação e recriação, que ajuda a compreender melhor a realidade estudada.

Segundo esta teoria, é o próprio capitalismo dominante que gera as relações de produção capitalistas e não capitalistas, combinadas ou não em decorrência do processo contraditório a este desenvolvimento (4).

Partindo desta teoria o fundamental para o capitalismo é a reprodução de capital de forma ampliada. A propriedade camponesa subordinada ao grande capital, não se extinguirá e sim se reproduzirá. Enfim, o capitalismo recria a pequena produção dentro dos parâmetros que o interessa.

A produção do tomate em Boqueirão é uma das características mais evidentes da recriação da pequena produção pelo capital. Apesar do cultivo desta cultura pelos médios e grandes proprietários, os pequenos proprietários representam percentuais mais elevados no que refere à exploração do tomate através do arrendamento.

O processo de exploração da cultura do tomate está totalmente subordinado ao capital industrial. Para início do processo temos a irrigação, que necessita de motores com técnicas modernas, prosseguindo com fertilizantes e defensivos e culminando com o retorno do fruto à indústria.

Na realidade em foco, apesar de não evidenciar-se claramente as relações de produção capitalista na exploração da tomaticultura, o que pressupunha em primeira vista a separação dos trabalhadores do seus meios de produção, estas relações estão, intrinsecamente ligadas ao processo. É mais lucrativo para o grande capital utilizar o arrendamento em que os custos e os usos de produção ficam por conta do pequeno produtor do que utilizar o trabalho assalariado, interessando também o abastecimento das cidades pequenas, médias e de grande porte, não sendo, portanto, útil ao capitalismo acabar com esta pequena produção, e sim reproduzi-la.

Introduzida em Boqueirão a partir de 67, segundo a geógrafa Emília Pereira Melo, a cultura do tomate é implantado mediante a utilização de irrigação por infiltração em peque

nas, médias e grandes propriedades.

O tomate é cultivado durante todo o ano por proprietários locais e destina-se à alimentação e à indústria.

Destaca-se no processo de exploração da cultura um maior número de pequenos proprietários capitalizados, que arrendam na sua maioria a terra aos médios e grandes proprietários, como também realizam a parceria e meiação.

A necessidade de deixar a terra em repouso por intervalo de três anos e a falta de recursos para uma adubação artificial, contribuem para que o pequeno agricultor nunca ultrapasse a condição de "pequeno". Em contrapartida, o médio e o grande produtor tem um bom lucro com sua produção, usufruindo de rendimento que é livre de qualquer despesa, que vem do pequeno, ficando com as suas terras beneficiadas.

Todo este processo tem engendrado uma forte concentração fundiária. Os grandes e médios proprietários têm acumulado capital e comprado terras dos pequenos agricultores que passam a habitar na cidade.

Podemos classificar a mão-de-obra utilizada na cultura do tomate como "assalariada", diaristas, quer permanente ou temporariamente. Constata-se maior incidência da mão-de-obra familiar na pequena produção. No período de preparo da terra, plantio e sobretudo, na época da colheita, é utilizado em grande escala o trabalho das mulheres e das crianças.

Quanto aos trabalhadores temporários, estes na maioria das vezes, são também pequenos proprietários, que são obrigados a venderem sua força de trabalho nos períodos de estiagem, tornando-se assalariados e garantindo sua subsistência.

A maioria dos trabalhadores do tomate procede da favela Bela Vista, que formou a partir de setenta, por moradores

vindos de outras regiões, sendo a maior parte da zona rural, principalmente da bacia do açude.

Os trabalhadores do tomate além de perceberem uma diária irrisória de Cr\$150,00 (cento e cinquenta cruzeiros) por dia, não contam com nenhum vínculo empregatício com o patrão, nem têm o mínimo de proteção contra os agrotóxicos, o que têm provocado seríssimos problemas de saúde e até mortes.

A comercialização do tomate é realizada em sua maioria nas próprias propriedades pelos intermediários que se apropriam da maior parte dos lucros. A maioria dos grandes produtores entregam a produção diretamente às CEASAS de Campina Grande e Recife.

Pelo exposto, a grande produção é quem logra êxito, a pequena produção resiste e prolifera, porque o camponês abre mão da renda da terra e do excedente que equivaleria a seu lucro, contentando-se com o equivalente a um salário, o que lhe permite a sobrevivência a nível baixíssimo reconhecidamente sub-humano.

A penetração do capitalismo no campo, em Boqueirão, engendrou a concentração fundiária, a partir das inovações introduzidas na agropecuária. A proletarização de um número considerável de pequenos produtores, alimentou a pequena produção que atendia a seu interesse no caso da horticultura e, por fim, descapitalizou uma boa parte de camponeses e pequenos produtores marginalizados economicamente, que produziam o mínimo necessário a sua subsistência (milho, feijão, fava, e uma criação de (vaca ou cabra) ppra o leite), na época do inverno, e que no restante do ano, são obrigados a prestar serviços em troca de sua subsistência nas próprias propriedades em Boqueirão, na cultura do tomate e chegam, também, a se des

locarem para a Zona da Mata, em busca das usinas de cana, e para a construção civil em Campina Grande e João Pessoa.

Percebe-se, então, a diferença que existe entre o pequeno produtor capitalizado e o descapitalizado. O primeiro, aos "troncos e barrancos" resiste a concorrência do mercado capitalista, desde que esteja produzindo algo que o interesse, geralmente alimentando a esperança de crescerem economicamente. Enquanto o último não tem a mínima condição de produzir algo que exceda a sua subsistência, por falta de uma política agrícola que esteja voltada para os seus interesses.

A importância do pequeno produtor descapitalizado para o capitalismo consiste no fato de que o mesmo constitui o exército de reserva da mão-de-obra do sistema. Este processo, entrava o seu nível de organização quer como trabalhadores assalariados quer como pequenos produtores.

O processo de modernização, na região de Boqueirão, caracterizado pelas inovações introduzidas na agropecuária, repercutiu também, na estrutura urbana da cidade, favorecendo grandes transformações como: o aumento da população, o aumento da área urbana, o desenvolvimento do comércio, a vinda de quatro agências bancárias para a cidade, a construção da rodoviária, da maternidade, de posto de saúde, um grupo escolar estadual, asfalto da estrada que liga Boqueirão a Queimadas, facilitando o acesso à cidade e aumentando o fluxo de turistas das variadas regiões ao balneário do açude Epitácio Pessoa, e facilitando o escoamento da produção da região.

Assinalamos o aumento da população urbana, como um dos indicativos mais significantes das transformações ocorridas na cidade a partir de setenta.

A modernização no campo, em Boqueirão, como nas demais

regiões brasileiras, engendrou a proletarização dos pequenos produtores que, por sua vez, foram obrigados a deslocarem-se para a cidade. (Ver Tabela XIV).

A maior parte dos habitantes que chegou à cidade no espaço de dez anos, veio da zona rural, formando dois grandes aglomerados nos arredores da cidade, a favela da Bela Vista e o Bairro Novo.

A respeito da ocupação da Bela Vista, destacamos este depoimento:

"O povo que hoje mora na favela, chegou de rebanho como arribação na postura...hoje são 382 famílias...todas vieram do campo, porque os patrões não queriam mais moradores!" (5)

O depoimento deixa claro o porquê do deslocamento do homem do campo para a cidade, as inovações introduzidas nas práticas agrícolas, substituindo a força de trabalho, humana e o medo de uma possível reivindicação da terra por parte do morador, transformou as relações de trabalho, tornando miserável a vida do pequeno produtor rural; obrigando-o a sair do campo à procura de dias melhores.

Ainda com relação ao processo de formação dos dois aglomerados, destacamos os aspectos distintos de ambos:

- Enquanto o aglomerado ao norte desde o início de suas primeiras construções foi chamado de bairro, o aglomerado ao sul, de favela. O primeiro deve seu reconhecimento de bairro, a melhores condições de vida dos seus moradores que, em sua maioria, são pequenos produtores descapitalizados que foram obrigados a vender suas terras e sair em busca de outros ramos de produção, estes construíram suas casas em terrenos do DNOCS, devido suas condições financeiras permitirem construir casas de tijolo com água encanada e energia, requisitos exigidos pela prefeitura municipal. O local denominado como Favela,

que também é pertencente ao DNOCS, foi destinado àqueles considerados "miseráveis", para construir suas casas de pau-a-pique, sem alinhamento e sem as mínimas condições de infraestrutura.

Os moradores da "Bela Vista", vivem do trabalho nos campos de tomate, da pescaria e de biscaites e são considerados os "marginalizados" da sociedade Boqueirãoense. Os moradores do Bairro Novo não são considerados à margem da sociedade, vivem do pequeno comércio, da fabricação de redes, da pescaria, do trabalho do tomate e também do biscuite. Mas pelo simples fato de suas moradias terem certa infraestrutura (água, esgoto, energia, calçamento), lhes proporcionam certa "posição" na cidade. Constata-se poucos moradores que têm melhores condições de vida, estes são comerciantes de redes e plantadores de tomate.

A vinda de novos habitantes para a cidade e as transformações nas relações de trabalho, são indícios de mudanças na estrutura coronelística.

Os novos habitantes da cidade, já não mais obedecem ao mando coronelísticos. Não necessitam dos favores que foram destacados no primeiro capítulo deste trabalho. Estão livres dos patrões, já não têm mais que obedecer os "subcoronéis". Estes necessitam, agora, de uma infraestrutura no local de moradia, de assistência médica e educacional, de lazer e cultura, de emprego que seja público ou ligado ao setor terciário e não mais primário. Estas reivindicações estavam ausentes na "carta programa" do coronel.

No campo, o novo ramo de produção, a horticultura foge às rédeas do coronel "e subcoronéis". O processo da cultura não requer nenhuma ligação dos produtores com o coronel. Os produtores comercializam sua produção com o intermediário ou

diretamente na CEASA, sem precisar da interferência do coro
nel.

Tanto as reivindicações dos produtores da horticultura co
mo dos trabalhadores na agricultura vão ser de caráter geral:
assistência técnica e financeira no âmbito estadual, e a ele
trificação no âmbito local, etc.

Enfim, as transformações ocorridas no campo, em Boquei-
rão, a partir do processo de modernização, podem ser conside-
radas como indicativo do rompimento com a estrutura coronelíss
tica e reorganização do poder político em Boqueirão.

Tabela I - Distribuição Fundiária de Boqueirão.

GRUPOS DE ÁREA TOTAL

ANO	Total		Menos de 1		1 a menos de 2		2 a menos de 5		5 a menos de 10		10 a menos de 20		20 a menos de 50	
	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.	Área
1970	2127	82.203	6	4	169	140	501	1139	370	2426	378	5015	379	11.654
1980	1980	95.809	21	9	148	203	405	1330	346	2441	359	4441	350	11.139

ANO	50 a menos de 100		100 a menos de 200		200 a menos de 500		500 a menos de 1000		1000 a menos de 2000		2000 a menos de 3000	
	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.	Área
1970	190	12.564	111	14.321	48	14.751	9	5.487	3	3.900	2	5.156
1980	185	13.153	121	16.270	58	17.956	15	10.628	11	15.179	1	2.455

FONTE: IBGE - Censo Agropecuário: 1970 - 1980.

Tabela II - Máquinas Agrícolas - Tratores.

ANO	Número de Tratores segundo a Potência					Total
	menos de 10CV	de 10 a menos de 20CV	de 20 a menos de 50CV	de 50 a menos de 100CV	de 100 CV a mais	
1970	2	-	7	7	1	11
1975	1	-	1	4	1	7
1980	1	3	10	11	5	30

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário: 1970, 1975 e 1980.

Tabela III- Arados de tração animal e mecânica.

ANO	Animal		Mecânica	
	Informantes	Nº	Informantes	Nº
1970	199	223	4	8
1975	515	655	5	1
1980	323	400	16	29

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário: 1970, 1975 e 1980.

Tabela IV - Máquinas para plantio.

Ano	Informante	Número
1980	6	8

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário - 1980.

Tabela V - Máquinas colheitadeiras.

Ano	Informantes	Número
1970	3	4
1975	4	9
1980	2	2

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário: 1970, 1975 e 1980.

Tabela VI - Irrigação e área irrigada.

ANO	Terras Irrigadas	
	Informantes	Área (ha)
1970	20	50
1975	74	92
1980	109	388

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários: 1970, 1975 e 1980.

Tabela VII - Uso de ferramentas, de defensivos e prática de conservação do solo.

ANO	Fertilizantes			Defensivos		Prática de Conservação do solo
	Químico	Orgânico	Calcário	Animal	Vegetal	
1975	115	127	1	721	481	195
1980	147	559	1	1.163	814	34

FONTE: IBGE - Censos Agropecuários: 1975 e 1980.

Tabela VIII - Pastagens plantadas.

Ano	Informantes	Área
1975	31	1.107
1980	90	1.327

FONTE: IBGE - Censos Agropecuários: 1975 e 1980.

Tabela IX - Silos para forragens.

Ano	Silos para Forragens com Capacidade Declarada	
	Número	Capacidade (t)
1970	28	256
1975	7	1.370
1980	11	368

FONTE: IBGE - Censos Agropecuários: 1970, 1975 e 1980.

Tabela X - Finalidade do rebanho bovino.

Ano	Corte		Leite	
	Informante	Nº de Cabeças	Informante	Nº de Cabeças
1970	80	3.144	1.123	19.173
1975	388	7.398	9.499	15.154
1980	396	11.070	10.033	17.102

FONTE: IBGE - Censo Agropecuário: 1970, 1975 e 1980.

Tabela XI - Uso de inseminação artificial.

Ano	Criadores de bovino com uso de inseminação artificial
1980	03

FONTE: IBGE - Censo Agropecuário - 1980.

Tabela XII - Uso da energia elétrica.

Ano	Estabelecimentos Rurais que usam Energia Elétrica		
	Total	Própria	Adquirida
1970	6	2	4
1975	16	3	13
1980	61	7	60

FONTE: IBGE - Censo Agropecuário: 1970, 1975 e 1980.

Tabela XIII- Utilização das terras.

Ano	LAVOURAS			
	Permanentes		Temporária	
	Informantes	Área	Informantes	Área
1975	1.323	4.753	2.209	11.665
1980	451	2.041	1.082	11.857

FONTE: IBGE - Censo Agropecuário: 1975 e 1980.

Tabela XIV - População Urbana de Boqueirão.

Ano	Número de Habitantes
1970	3.145
1980	6.287

FONTE: IBGE - Censo Demográfico: 1970 e 1980.

CAPÍTULO III

NÃO TEM MAIS CABRESTO NÃO?

As transformações ocorridas no campo decorrentes do processo de capitalização, alterou além das relações de trabalho e da estrutura urbana, o eleitorado tanto do campo como das vilas e da cidade.

Pela primeira vez na História Política de Boqueirão, a oposição com o apoio do mais novo coronel, elege quatro vereadores nas eleições de novembro de 76.

Apesar de constatar-se mudanças significativas no quadro político, agora com a existência de uma bancada de oposição em torno da legenda do MDB, a sua atuação política não se diferencia, no todo, da militância do velho coronel. O assistencialismo vai ser uma constante na militância política oposicionista.

Neste contexto, o que diferencia as duas correntes são as lideranças. Enquanto a situação contava com HERNESTO HERÁCLIO DO REGO, que tinha habitat em Boqueirão e uma "capacidade" imensa de prestar favores, a oposição contava com BRENO DO CARMO, a sua liderança máxima que além de não ter habitat fixo na região, não contava com a mesma capacidade de assistência de seu adversário.

O coronel consegue eleger CARLOS MARQUES DUNGA, considerado pelos entrevistados como uma das melhores em termo de progresso para o município, contribuindo para derrota fragorosa da oposição em 82, elegendo apenas quatro vereadores em uma bancada de onze.

Apesar da derrota, esta eleição pode ser considerada o marco inicial de uma oposição ideológica no município.

A campanha eleitoral para estas eleições, como as de mais, teve no assistencialismo, o seu sustentáculo. A assistência médica e odontológica, a compra do voto e o carro pipa marcaram a luta pelo voto, tanto da situação, como da oposição.

Destacamos como indicativo de mudança na campanha de oitenta e dois, apenas alguns discursos por parte de candidatos a vereadores da oposição que eram estudantes universitários inbuídos de uma nova concepção política, impregnados pelo espírito oposicionista que se pairava à nível nacional. Em suas falas repudiavam os governos militares, destacavam a importância da redemocratização do país, enfatizando a primeira eleição direta para Presidente da República e uma nova constituição, eram as palavras de ordem que fechavam os discursos dos mais novos líderes.

Este novo discurso chegou à Câmara Municipal pela primeira vez, chamando a atenção da comunidade para uma nova concepção do legislativo, que passa a ser divulgada pela imprensa escrita, falada e televisada.

Apesar de não haver uma homogeneidade ideológica da bancada oposicionista, percebe-se nas atas da câmara, a preocupação de um trabalho conjunto. Os projetos, leis e requerimentos, eram apresentados em conjunto e defendidos por todos. Percebe-se também, que todos os projetos refletiam o interesse da maioria da comunidade, e a situação não percebendo isto reprovava a maior parte, abrindo espaço para a oposição repudiar de público, penetrando aos poucos nos redutos coronelísticos.

As antigas formas de poder coexistem com as novas; a maior parte da classe política faz opção pelo assistencialismo, enquanto uma minoria vai se preocupar com a organização do povo, isto é, dos trabalhadores.

Esta organização passa por dois momentos. Primeiro, a fundação do PMDB jovem, agremiação que aglutinava todos os jovens filiados ao PMDB, estruturada a nível estadual e nacional. Estavam à frente da mesma, geralmente, os militantes da esquerda, que não tinham seus partidos legalizados. No segundo momento, temos a organização das associações comunitárias.

O PMDB jovem teve uma militância bastante ativa.

O coronel a "moda antiga" pela primeira vez enfrenta uma oposição de fato.

A agremiação de jovens, promovia os mais variados debates, a fim de discutir os temas de grande importância. Por exemplo, a nível nacional: situação econômica, saúde e educação; internacional: Nicarágua, Cuba, URSS e o Socialismo em geral.

A criação do jornal "A Voz da Juventude" (órgão de divulgação do setor jovem do partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB de Boqueirão-PB), foi um dos ... momentos mais decisivos para a consolidação de uma oposição voltada para as questões sociais e políticas.

O pequeno órgão de divulgação era mensal e através do mesmo a comunidade Boqueirãoense tomava conhecimento de assuntos de grande relevância a nível internacional, nacional e local.

"A Voz da Juventude" em seu número um, denunciava os riscos pelos quais passava a população mundial com o desenvolvimento desenfreado da corrida armamentista. "O que desviava

uma quantia enorme de dinheiro das obras de assistências sociais para ser empregada em armas perigosíssimas, tais como armas nucleares, bomba de newton e mísseis, que não apenas matam a população em época de guerra, como também ameaçam a sobrevivência da espécie humana". (1)

À nível nacional, "A Voz da Juventude" denunciava o movimento militar de 64, enfatizando o seu verdadeiro caráter, "defender os interesses dos milionários brasileiros e dos empresários estrangeiros, tendo que para isto desarticular os trabalhadores do campo e da cidade que estavam amplamente organizados, através de prisão, tortura, exílio, morte e expulsão do país de centenas de brasileiros, jovens, camponeses, operários, intelectuais e militares que estavam ao lado do povo!" (2)

À nível local, denunciavam veementemente o poder local, nas suas maiores irregularidades e a bancada dos vereadores situacionistas, por não votarem em nenhum projeto de autoria dos oposicionistas. A prática dos jovens peemedebistas ultrapassava a imprensa, chegando os mesmos a reivindicar do coronel, juntamente com os moradores, através de um abaixo-assinado, a eletrificação para uma das ruas da periferia da cidade, acontecimento de grande repercussão na região. O "coronel" ã moda antiga" chegou a rasgar o abaixo-assinado e a expulsá-los da sede da prefeitura.

"A Voz da Juventude", foi de importância fundamental para a divulgação dos ideais oposicionistas à nível de região, principalmente, a população jovem, que passa a participar ativamente da política local com uma visão crítica da realidade, afetando de modo significativo o esquema coronelístico.

As associações comunitárias se estruturam melhor, sendo

mais consequentes em sua atuação. Segundo o estatuto da AME (Associação dos Moradores de Emas), primeira associação de moradores fundada no município, a mesma tinha como objetivos:

- "Promover o desenvolvimento comunitário com a realização de obras e melhoramentos, através de reivindicações ao poder político, com recursos próprios ou obtidos de doações.

- Proporcionar a melhoria do convívio dos habitantes do lugar, através da integração dos seus moradores.

- Proporcionar aos associados e seus dependentes, atividades culturais e desportivas.

- Promover atividades assistenciais, através do poder público ou instituições filantrópicas" (3)

Percebe-se que as organizações comunitárias eram mais flexíveis e seu raio de atuação mais amplo do que o partidário. Reuniam todos os moradores de uma determinada comunidade, independente de cor, raça, sexo, religião, partidos políticos e poder econômico.

Esta flexibilidade permitia uma maior união dos moradores e uma consciência coletiva das obrigações do poder público e dos direitos de reivindicações da população.

No município, até o momento, o executivo atendia apenas as reivindicações dos seus correligionários e não admitia discussão alguma sobre os problemas da comunidade. As organizações comunitárias se consolidam e passam a ser uma das maiores preocupações do coronel, que percebe seu curral esvaziando-se aos poucos.

Apesar de não existir nenhuma lei que impedisse que o povo participasse de livre e espontânea vontade de uma organização, o coronel "à moda antiga" não admitia que um funcionário público tivesse qualquer participação nas organizações. Alguns funcionários foram transferidos e outros demitidos por

desobedecerem o mando coronelístico.

"Em Boqueirão, todos estes anos, nunca existiu lei, o coronel era a própria lei!" (4)

Foram proibidas todas as reuniões em repartições públicas, que não fossem dirigidas pelo poder público. Portanto, os espaços encontrados para as comunidades, geralmente, eram pertencentes aos opositoristas, por exemplo: o terreno dado para a construção da sede social da AME, pertencia a uma das lideranças da oposição. Não existia nenhuma relação do poder constituído com as organizações comunitárias.

Nas comunidades onde existia algum embrião de organização, as dificuldades eram enormes para se conseguir algum benefício. Sõ no ano da eleição o coronel atendia algumas reivindicações, com vista a reconquistar o eleitorado. Por exemplo, a eletrificação da comunidade de campo de Emas, que foi ligada uma parte na véspera da eleição, atendendo muito mais a um desafio de um velho militante da oposição, que se comprometeu de público de vestir uma saia, caso a energia fosse ligada até o dia da eleição. O coronel "ã moda antiga" mandou confeccionar a saia e no dia quatorze de novembro, alguns de seus fiéis correligionários, ligaram apenas uma lâmpada em frente da residência do desafiante e fez a entrega da saia em nome do coronel.

A reação por parte do executivo fortalecia o movimento comunitário. Em vez de se intimidar, este, em oitenta e sete organizava o 1º encontro das organizações comunitárias, o qual contou com a participação de quinze comunidades (5). Pela primeira vez foi encaminhado um documento-base, contendo as principais reivindicações da população ao coronel.

desobedecerem o mando coronelístico.

"Em Boqueirão, todos estes anos, nunca existiu lei, o coronel era a própria lei!" (4)

Foram proibidas todas as reuniões em repartições públicas, que não fossem dirigidas pelo poder público. Portanto, os espaços encontrados para as comunidades, geralmente, eram pertencentes aos oposicionistas, por exemplo: o terreno dado para a construção da sede social da AME, pertencia a uma das lideranças da oposição. Não existia nenhuma relação do poder constituído com as organizações comunitárias.

Nas comunidades onde existia algum embrião de organização, as dificuldades eram enormes para se conseguir algum benefício. Sõ no ano da eleição o coronel atendia algumas reivindicações, com vista a reconquistar o eleitorado. Por exemplo, a eletrificação da comunidade de campo de Emas, que foi ligada uma parte na véspera da eleição, atendendo muito mais a um desafio de um velho militante da oposição, que se comprometeu de público de vestir uma saia, caso a energia fosse ligada até o dia da eleição. O coronel "ã moda antiga" mandou confeccionar a saia e no dia quatorze de novembro, alguns de seus fiéis correligionários, ligaram apenas uma lâmpada em frente da residência do desafiante e fez a entrega da saia em nome do coronel.

A reação por parte do executivo fortalecia o movimento comunitário. Em vez de se intimidar, este, em oitenta e sete organizava o 1º encontro das organizações comunitárias, o qual contou com a participação de quinze comunidades (5). Pela primeira vez foi encaminhado um documento-base, contendo as principais reivindicações da população ao coronel.

são na região, foi repudiado por líderes em carta aberta à comunidade e na imprensa falada e televisada. A partir deste episódio as agremiações comunitárias passam a trabalhar intensamente no sentido de derrubar o poder coronelístico nas eleições posteriores. Aos poucos os cabrestos começavam a se desgastar.

Paralelo a este movimento comunitário algumas lideranças da oposição desenvolviam um intenso trabalho assistencialista.

Neste período foram criados dois centros assistenciais, um na cidade e outro na vila de Bodocongô (8). As atividades destes centros restringi-se à assistência médica, odontológica e distribuição de medicamentos, o que era bastante significativo para um município onde inexistia a assistência médica.

A eleição de oitenta e seis pode ser considerada como um grande impulso para a oposição. O candidato do coronel é derrotado, tanto no município como à nível estadual. Todos os candidatos apresentados pela maioria da oposição são eleitos, saindo, portanto, fortalecida deste pleito eleitoral.

A oposição busca os compromissos assumidos pelos seus candidatos, tendo pronto atendimento através de carros pipas, cimento para a construção de cisternas, cacimbas, banheiros, a vinda da LBA, através da qual, várias famílias foram beneficiadas com empréstimos a fundos perdidos de incentivo à pequena produção, a vinda do PRONAV e outras instituições afins. É o assistencialismo moderno que difere do antigo na forma, porém o conteúdo é o mesmo: minimizar as tensões sociais e não contribuir para organização popular e a resolução dos seus problemas.

Estes são os primeiros benefícios adquiridos por parte da oposição, que de certa forma, passa a ser benquista pela

comunidade e aumenta o seu número de adeptos.

Frente a esta nova conjuntura, projetava-se uma liderança, que aprecia como um batalhador incansável dos benefícios destacados. Esta liderança era o vereador oposicionista JOÃO PAULO.

JOÃO PAULO destacava-se dos demais, por ter permanecido desde a sua eleição no município, onde tinha moradia fixa, denunciando os atos de mandonismo do coronel e lutando incessantemente para favorecer as comunidades carentes e apoiando as organizações comunitárias dentro dos limites citados anteriormente.

Era evidente, que o vereador era o nome indicado para enfrentar o coronel "à moda antiga". A indicação de João Paulo pela maioria das bases oposicionistas enfrenta grandes dificuldades.

Uma das mais antigas lideranças da oposição VITAL ARRUDA, não aceitando a indicação, coligou-se com o esquema do coronel, porém levou consigo poucos correligionários.

Enfim, JOÃO PAULO e MANOELZINHO ANDRADE, vereadores do PMDB, encabeçam a chapa a prefeito e vice-prefeito da oposição, pela legenda do PMB (Partido Municipalista Brasileiro), enfrentando CARLOS MARQUES DUNGA, deputado estadual e VITAL ARRUDA, ambos do esquema coronelista pela legenda do PFL.

A candidatura da oposição aparece para boa parte da comunidade como a esperança única de dias melhores para o município, penetra nas organizações comunitárias, nos clubes de jovens, sindicatos e igrejas. O trabalhador do campo e da cidade percebe uma posição que representa os seus interesses e ingressa na campanha com todo fervor.

A vitória da chapa oposicionista aparecia como a vitória das organizações comunitárias da população pobre do campo

e da cidade. Seria a conquista das reivindicações mais almejadas pelo povo, as que realmente representavam os seus interesses. É o que demonstrou o próprio manifesto de apoio ao povo de Boqueirão:

"A candidatura João Paulo/Manoelzinho, nasce da insatisfação popular com a administração atual. Foram longos anos que colocaram o município no mais completo abandono. As perseguições políticas, o autoritarismo, o abandono com a educação, com a saúde, com as estradas municipais, com o turismo, etc...foram a base das administrações que passaram pela prefeitura. Por fim, foram anos em que se colocaram as verbas que o município arrecadava e recebia do povo, em benefício dos riscos e opulentos".

Nosso primeiro compromisso é governar com o povo, juntos denunciaremos a situação pela qual passa o povo trabalhador de Boqueirão e juntos, prefeitura e comunidade organizadas, traçaremos um caminho de esperanças para o nosso município.

Ouvimos indistintamente as reivindicações populares e faremos o que for possível para solucionar os graves problemas das comunidades do município. Juntos lutaremos:

- Por tratamento de saúde preventiva, como também tornaremos efetiva o funcionamento de todos os postos de saúde, com assistência médica e dentária.

- Por expansão da rede elétrica e melhoramentos das estradas.

- Por salários dignos ao funcionalismo público municipal, especialmente aos professores;

- Por barreiros, cisternas e fossas comunitárias;

- Pela implantação da rede de esgoto na cidade e nos distritos, abolindo o lixo que campeia nas ruas;

- Pelo abastecimento d'água dos distritos e povoados;
- Pelo desenvolvimento do ensino em Boqueirão". (9)

O manifesto continha as mais legítimas reivindicações do povo e expressava a linguagem do povão e o sentimento dos menos favorecidos. O mesmo foi levado a todos os recantos do município, e discutido corpo a corpo com cada pessoa.

Como os anos tinham se passado, a vida dos boqueirãoenses tinha sofrido transformações profundas, e o eleitorado tinha uma nova concepção do voto; o coronel perdeu as eleições.

"Em Boqueirão não tem mais cabresto não". Com esse refrão, milhares de pessoas colocavam um ponto final na trajetória política do último "coronel". O velho comandante político local, Hernesto Heráclio do Rego...perdeu, depois de 43 anos, o pleito municipal!" (10)

A vitória de João Paulo, causou delírios nos seus correligionários. Foram 6.791 votos contra 6.729, uma diferença apenas de 62 votos. O candidato eleito ganhou em todas as vinte e duas urnas que funcionou na cidade, o que demonstrou o abandono em que se encontrava a sede do município pelo poder público como também na maioria das comunidades em que existia algum embrião de organização. Consequência de um longo processo de conscientização e militância coletiva, João Paulo teve maioria de votos, na sede do município. Comprovou-se também que o trabalho da oposição ao longo dos seis anos atingiu, principalmente, a população urbana. Todas as denúncias, panfletos, cartas abertas, atos públicos, atingiam massivamente este público.

Em contrapartida, o candidato da situação ganhou nos outros distritos do município (11), o que demonstrou, na prática os laços fortíssimos de dependência dos habitantes da zo

na rural ao coronel, como também o baixíssima nível de conscientização e desinformação de uma população semi-analfabeta.

A vitória foi comemorada em todo o município, das mais variadas formas de expressão do povo, seja da festa dançante ã reta de um terço. Na expressão popular os cabrestos tinham - se torado e o rebanho fugido do curral do coronel, ou seja, os eleitores tinham - se libertado do mando coronelístico. O coronel "ã moda antiga" chegava ao fim da trajetória política, com o gosto amargo de uma derrota eleitoral, que custou uma diferença apenas de sessenta e dois votos do vitorioso para o derrotado.

Amargurado pela derrota não se deu por vencido. O coronel entra com recurso, conseguindo a recontagem dos votos, de pois de uma intensa batalha jurídica. O repúdio popular levou milhares de pessoas às ruas da cidade, e teve repercussão ã nível estadual.

- Contando com o respaldo popular, juristas de renome na cional conseguem suspender a recontagem de votos e as massas Boqueirãoenses enchem as ruas da cidade e se houve um sô re frão:

Não tem mais cabrestos não.

Cabresto não.

Não tem mais cabresto não.

Por onde a gente anda sô da Manê e João.

É vontade do pvo, não tem cabresto não.

Por onde a gente anda sô da Manê e João.

É vontade do povo, não tem mais cabresto não.

*O povo agora não quer saber de conversa
Descobriu que a hora é essa de escolher
Em quem votar*

*Não quer saber de ganhar prêmio nem
Dinheiro, descobriu que o forasteiro vai
Voltar prã seu lugar.*

*É prã mudar, é prã mudar, vai dar a
Chance a quem é do seu lugar.*

*Não tem mais cabresto não
 Cabresto não
 Não tem mais cabresto não
 Por onde a gente anda são dá Mané e João
 É a vontade do povo
 Não tem mais cabresto não.*

*Por onde a gente anda são dá Mané e João
 É a vontade do povo
 Não tem mais cabresto não.*

*João é matuto mais é matuto avançado,
 Ele é desembaraçado, isso eu posso provar,
 Embora haja um forasteiro que só promete
 Pois somente a João compete nosso povo governar.*

*É prá mudar, é prá mudar, vai dar a chance
 A quem é do seu lugar.*

*É prá mudar, é prá mudar, vai dar a chance
 A quem é do seu lugar.*

Em primeiro de janeiro de 1989, pela primeira vez, o povo Boqueirãoense assiste ao ar livre a posse do executivo e legislativo. Estava evidente no semblante de cada um dos presentes, das mais variadas regiões do município, a esperança de não ser mais perseguido e ter de volta o seu imposto retido na fonte, materializado na assistência médica, educacional, estradas, eletrificação e etc. Podiam expressar livremente o seu pensamento.

O primeiro mês foi de grande euforia para as comunidades organizadas. As mesmas voltaram a discutir seus principais problemas, desta vez, com a presença do prefeito que comprometeu-se a atendê-los.

Após o segundo mês vieram as frustrações e estavam de volta os métodos coronelísticos. Dezenas de funcionários são perseguidos e demitidos e outras dezenas ingressam no serviço

público, através do apadrinhamento. O centralismo passa a ser uma das características mais marcantes da administração. As discussões com as organizações não foram mais levadas em consideração, mas sim os compromissos pessoais eleitoreiros com os chamados "cabras eleitorais".

Os principais compromissos assumidos com o povo através do manifesto são descartados. A educação libertadora, ítem primeiro, é rejeitada, sendo mantido o método tradicional. A saúde preventiva é esquecida, porém se fortalece a saúde cura-tiva.

O plano de eletrificação vai ser utilizado como forma de apoio político ao prefeito, as estradas municipais passam à terceiro plano.

O funcionalismo, além de perceber um salário irrisório, é impedido de organizar-se e sofre perseguição constante.

Enfim, os sonhos e as esperanças de boa parte da popula-ção cai por terra. O que existia de movimento encontra-se entorpecido, consequência tanto das frustrações como do aparente atendimento das reivindicações e promoções ditas culturais, (fes-tas alusivas ao aniversário da cidade, os dias dos pais, das mães, das crianças e etc), e a cooptação das lideranças.

A nova estrutura de poder apoia-se no favoritismo e no clientelismo, mas é bastante frágil; perde no momento que não tem nada para oferecer, o que não acontecia com o coronel. Estes além de ter condições materiais suficientes, conseguia muitos benefícios vindos do poder público estadual e federal, o que ainda não aconteceu com o novo poder.

O que havia de seriedade na correlação de forças que chegou ao poder, rompe-se depois de muita discussão sobre o cami-nho escolhido pela sua liderança máxima, aglutinando-se em um terceiro grupo.

A mais nova facção dirigente difere apenas na forma da velha estrutura coronelista. Recebe o povo, mas atende apenas os correligionários, discute com as comunidades de preferência não organizadas, mas não admite suas deliberações, aparece na imprensa falada e televisada e não ao povo.

Esta nova forma de fazer política é o sustentáculo da nova estrutura de poder, que aparentemente é forte por utilizar métodos descartados pelo coronel, mas na realidade é frágil por não ter cumprido os compromissos assumidos em praça pública.

As esperanças depositadas por 6.791 votos em uma democracia que acolhe-se as reivindicações de todo o povo e que acabasse de uma vez por todas com as perseguições e discriminações partidárias, transformaram-se em meditação. *"Não tem mais cabresto não"?*

Pode até ter mais cabresto, mas tem arreio. Este pode ser enfeitado, de ouro ou de prata, aparecendo como uma peça decorativa, que serve apenas para enfeitar e contribuir para a alegria do povo, fazendo a realidade se transformar em fantasia de uma ordem mais justa e de um governo participativo. Porém a fantasia se transforma em realidade. O arreio, conduz, escolhe o caminho, das pessoas que devem ser visitadas e aqui-nhoadas com presentes. O trabalhador olha a caravana passar, descalço, com fome e se deslumbra com o brilho da mesma. Resta-nos sonhar. Ainda não se proibiu sonhar com o dia em que o voto transforme a nossa realidade material e que trabalhadores possam escolher, livremente, seus representantes, sem cabresto e sem arreio.

NOTAS

- (1) A Voz da Juventude. Órgão de divulgação do setor jovem do Partido do Movimento Democrático Brasileiro-PMDB de Boqueirão-PB), ano I, nº 001, Abril/83.
- (2) Idem, ibidem...
- (3) Estatuto da Associação dos Moradores de Emas.
- (4) Depoimento prestado ao autor por um morador da região.
- (5) Campo de Emas(Sede do Encontro), Paulo de Souza, Serraria, Curralinho, Mineiro, Três Lagoas, Zacarias, Salgado - nho, Salgado, Taboado, Bela Vista, Relva, Pedras Brancas, Umari, Marinho e Mirador.
- (6) Documento Base tirado no Segundo Encontro das Organiza - ções Comunitárias em agosto de 1984 e encaminhado ao Sr. Prefeito Hernesto Heráclio do Rego em outubro de 1987.
- (7) Jornal da Paraíba, Campina Grande, outubro de 1987.
- (8) Distrito de Boqueira, localizado as margens do rio Paraí ba, aollado Leste da Cidade.
- (9) Manifesto de Apoio a Candidatura de João Paulo, assinado pelo Comitê de Apoio.
- (10) Jornal Correio da Paraíba, João Pessoa, 22 de novembro de 1988, p. 15.
- (11) Caturitê, Mororo, Barra de Santana, Alcantil, riacho de Santo Antonio e Marinho.

(12) Composição de um Poeta Popular, residente em Prata, ca
riri paraibano.

N O T A S

- (1) Ver mapa em anexo.
- (2) BERNARDO, Sorj. Estado e Classes Sociais na Agricultura Brasileira. 2.^a edição ampliada, Editora Guanabara . Rio de Janeiro. p.69, 1986.
- (3) A expressão velho curral está empregado no sentido de designação do eleitorado mais antigo do município. O velho coronel tinha em conta de um rebanho encabrestado, que jamais fugiria do seu curral.
- (4) OLIVEIRA, Ariovaldo Umbulino de. O modo capitalista de produção e agricultura. 2.^a edição,ótica, p.11.
- (5) Depoimento prestado ao autor por Irineu Paulino, Presidente da Associação dos Moradores da Bela Vista. Boqueirão-PB (entrevista).

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho monográfico, estudamos "A EVOLUÇÃO POLÍTICA DE BOQUEIRÃO: DO CABRESTO AO ARREIO. O próprio subtítulo demonstra a lentidão do processo mesmo assim, constatamos mudanças, as quais processaram-se a partir das condições inerentes à penetração do Capitalismo no Campo.

Primeiramente, verificamos uma estrutura Coronelística bastante enraizada, que perdurou quarenta e três anos e ainda exerce influência nos dias atuais. Este poder Coronelístico consolidou-se e perpetuou-se a partir de uma realidade material, em que o coronel era o único da região que tinha as condições materiais suficientes para atender as necessidades mais prementes de uma população interiorana totalmente desprotegida pelo poder público estadual. O favoritismo e o apadrinhamento foram elementos básicos de sustentação de uma clientela que sempre lhe assegurou a vitória.

Segundo, verificamos o processo de modernização desencadeado pela penetração do Capitalismo no Campo que engendrou mudanças significativas tanto na zona rural como urbana, provocando alterações profundas no relacionamento do eleitorado com o coronel. Na zona rural, com riqueza e empobrecimento, engendrados pela modernização, as necessidades ultrapassam a fase de serem resolvidas pela prestação de um simples favor. Na cidade, com a chegada de novos moradores, altera profundamente o eleitorado.

Esta mais nova realidade material exigia que o velho esquema Coronelístico, repensasse a sua estratégia política, o

que não aconteceu, penetrando, porém a oposição no seu raio de atuação.

Por último, verificamos que o assistencialismo e o movimento comunitário desencadeado pela oposição, foi suficiente para engendrar um grande movimento da contestação ao esquema coronelístico, chegando a derrotá-lo e elevando nova facção política ao poder. Esta difere do coronel apenas na forma de uma dominação mais arcaica, em que percebe-se claramente a subordinação (o cabresto) do eleitor, evoluiu para uma dominação mais sofisticada do Arreio, onde não percebe-se diretamente a subordinação do eleitor.

O conteúdo, porém não evolui, permanece o mesmo, administrar em detrimento de alguns e esquece dos problemas fundamentais da população.

Enfim, houve uma reorganização na estrutura do poder, apesar de não haver um novo conteúdo. Não foi uma eventualidade, mas sim o resultado de um processo rico em contradições, em que novos agentes sociais, surgem no cenário político e montam uma nova peça, inicialmente parece se concretizar uma nova forma de fazer política, esperança para os trabalhadores de participarem da nova ordem estabelecida. Porém, o drama se transforma em farsa, ao acender as luzes, os atores mostram os mesmos rostos de sempre: representam o poder, o autoritarismo, os interesses das minorias, relegadas estão mais uma vez às esperanças de um governo mais participativo.

BIBLIOGRAFIA

1. FONTES PRIMÁRIAS

1.1. Manuscritos

- . Livro ata da Associação dos Moradores de Emas.
- ✓ . Livro ata de REgistro das Reuniões da Câmara Municipal de Boqueirão. Fevereiro de 1977 a julho de 1988.
- . Livro ata de Registro das Sessões Ordinárias e Extraordinárias da Câmara Municipal de Boqueirão: Janeiro de 1977 a Outubro de 1981.
- . Livro ata de Registro das Sessões Ordinárias e Extraordinárias da Câmara Municipal de Boqueirão, outubro de 1987 a março de 1990.
- . Livros atas de Registro das Sessões Ordinárias e Extraordinárias da Câmara Municipal de Cabaceiras , 1945-1959.

1.2. Jornais

- . A Voz da Juventude. Boqueirão, abril de 1983.
- . Correio da Paraíba, João Pessoa, 22/11/1988.
- . Jornal da Paraíba, Campina Grande, outubro de 1987.

1.3. Oraís

1.3.1. Entrevistas e Depoimentos

- . Entrevista concedida ao autor e a orientadora, por Hernesto Heráclio do Rego, em abril de 1990.
- . Entrevista concedida ao autor, por João Bezerra Cabral, em maio de 1990.
- . Entrevista concedida ao autor, por Humberto Maciel de Oliveira (ex-vereador de Boqueirão), em maio de 1990.
- . Entrevista concedida ao autor por Rosimiro Florindo Barbosa, em maio de 1990.
- . Entrevista concedida ao autor por José Jonas Duarte da Costa (ex-vereador de Boqueirão), em junho de 1990.
- . Entrevista concedida ao autor por Vital Arruda (ex-Presidente do PMDB de Boqueirão), em junho de 1990.
- . Vários depoimentos prestados ao autor por moradores da cidade e da zona rural de Boqueirão, em maio de 1990.
- . Depoimento prestado ao autor por Irineu Paulino (Presidente da Associação dos Moradores da Bela Vista-Boqueirão), em junho de 1990.

2. FONTES SECUNDÁRIAS

2.1. Livros

- ALMEIDA, Antonio Pereira de. Os Oliveiras Lêdo e a Geologia de Santa Rosa. Iv. João Pessoa, Paraíba, 1987.
- ALMEIDA, Horácio. História da Paraíba, editora Universitária, UFPB, João Pessoa, 1978.
- ANDRADE, Manoel Correia de. A Terra e o Homem no Nordeste: Contribuição ao Estudo da Questão Agrária no Nordeste. 5^a ed., São Paulo, Ed: Atlas, 1986.
- BURSZTYN, Marcel. O Poder dos Donos. Planejamento e Clientelismo no Nordeste. Editora Vozes Ltda. Petróbrás, 1984, (em co-edição com o CNPq).
- COSTA, Lena Castelo Branco Ferreira. Arraial e Coronel: Dois Estudos de História Social. São Paulo, Editora Cultrix.
- DENES, Pe. Leo. Cabaceiras (1835-1845). Cabaceiras, 1985.
- Enciclopédia dos Municípios Brasileiro. Publicação comemorativa do 40 aniversário do Governo Juscelino Kubtschek de Oliveira, em 31 de janeiro de 1960.
- GARCIA, Rodolfo. História Política e Administrativa do Brasil (1500-1810). 5^a edição, livraria José Olympio, 1946.
- HERÁCLIO, Reginaldo. Chico Heráclio o Último Coronel. Recife, 1979.

JANOTTI, Maria de Lourdes M. O Coronelismo: Uma Política de Compromissos., 6.^a Ed. Brasiliense, 1987.

LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, Enxada e Voto, 5.^a Ed, São Paulo, Alfa-Omega, 1975.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Modo Capitalista de Produção e Agricultura. 2.^a Ed. São Paulo, Ática, 1987.

OLIVEIRA, Francisco de. Elegia para uma Religião: Sudeste, Nordeste, Planejamento e conflito de classes. 3.^o ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

SALES, Teresa. Agreste, Agrestes: transformações recentes na agricultura nordestina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

SILVA, José Graziano da. A Modernização dolorosa: Estrutura Agrária, Fronteira Agrícola e Trabalhadores Rurais no Brasil. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

SORJ, Bernardo. Estado e Classes Sociais na Agricultura Brasileira. 2.^a edição ampliada. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1986.

2.2. Dissertações

ARAÚJO, Martha Lúcia Ribeiro. Campina Grande: Poder local e mudança nacional (1945-1964). Dissertação de mestrado. Campina Grande-UFPn, 1985 - (mimeo).

MELD, Emília Pereira de. A Produção de Tomate na Micro Região dos Cariris Velhos. Dissertação de mestrado. Recife, UFPe, 1985. (mimeo).

SILVA, Eliete de Queiroz Gurjão. O Poder Oligárquico na Paraíba: Descontinuidade e Recriação (1889-1945). Dissertação de mestrado. Campina Grande, UFPB, 1985. (mimeo).

2.3. Monografia

ARAÚJO, Maria José Barbosa. Manufatura de Rede de dormir em Boqueirão-PB: Alternativa de Vida ou de Morte. Monografia do Bacharelado em História, UFPB, Campina Grande, 1986.

2.4. Artigos

MARTINS, Paulo Henrique N. Coronelismo Poder Burgês e Movimentos Populares. Professor e Pesquisador da UFPe (mimeo).

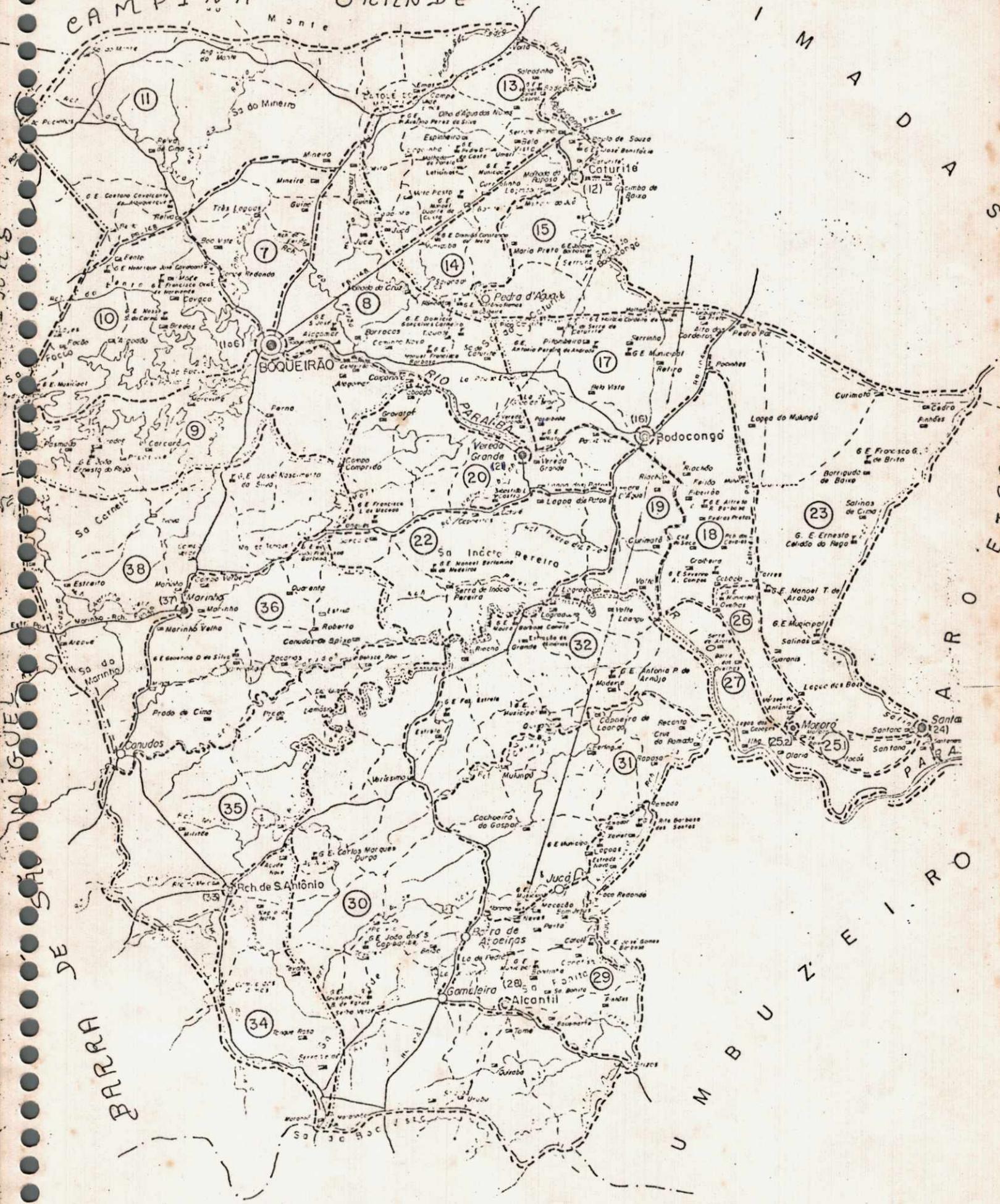
QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. O Coronelismo numa Interpretação Sociológica. In: História Geral da Civilização Brasileira, tomo III - O Brasil Republicano, São Paulo, DIFEL, Vol. 8, Boris Fausto (Direção), 1975.

A N E X O S

ESTADO DA PARAÍBA



CAMPINA GRANDE



Convenções:

- ⊙ → Cidade
- ⊙ → Vila
- ⊙ → Povoado

- - - Limite Intermunicipal
- - - Limite Interdistrital
- Estradas de Rodagem

FONTE: IBGE: - Sinopse Preliminar do Censo Demográfico de Boqueirão-1970.